



Manchete: Aplicando teorias da história ao estudo da imprensa

Greyce Falcão do Nascimento¹

Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: greycefalcao@hotmail.com

Nos últimos anos, multiplicaram-se os estudos dedicados ao período em que o Brasil viveu um regime ditatorial. Esse interesse tem contribuído para ampliação das temáticas analisadas, com destaque para os veículos de comunicação censurados e para aqueles que teriam supostamente colaborado com o regime militar. Diante de inúmeras tentativas de discutir o papel da imprensa no âmbito da sociedade, principalmente durante o regime militar brasileiro, é importante revisar a atuação do jornalismo. Essa esfera social poderosa agiu de forma decisiva, em alguns momentos, na preparação e sustentação do golpe, colocando-se como um dos saberes instituídos que operaram reproduzindo a noção de Segurança Nacional, base ideológica do governo.

Num primeiro momento, identificamos os tipos de discurso utilizados pela revista. Como em alguns momentos, tentou demonstrar neutralidade diante da crise política do país, já em outros, colocava-se como porta voz do governo, reproduzindo o discurso de uma suposta ameaça comunista e atacando fortemente as pessoas e instituições que combatiam o regime autoritário, utilizando assim, sua influência e acessibilidade para demonstrar à população em geral, uma “aparente” normalidade do país.

¹ Greyce Falcão do Nascimento. Doutoranda em história pela Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2017.



Como fontes para pesquisa foram analisadas notícias, matérias e reportagens, que demonstraram a postura ideológico-partidária assumida pelo veículo investigado. Utilizamos os documentos, não como verdade absoluta, mas como eles se encontram, carregados de sentidos e objetivos, buscando compreender e analisar o efeito de verdade produzido pela mídia. Segundo Dreifuss, para que o regime ditatorial fosse implantado no Brasil, o golpe civil-militar de 1964 foi articulado por forças civis e militares representadas por diversos segmentos da sociedade. É importante ressaltar que a adesão da maioria da classe média brasileira deu suporte e legitimidade ao sistema repressor, tendo em vista a profusão dos discursos do “perigo comunista” e da “ameaça de subversão da ordem”, alimentando o imaginário do medo. Nesse contexto, a imprensa foi parte integrante da complexa e eficiente rede de informações que serviu como pilar de sustentação do sistema autoritário. Para a cooptação das camadas médias urbanas, houve um trabalho sistemático promovido pela Assessoria Especial de Relações Públicas (Aerp), órgão pertencente ao governo, pela imprensa, propaganda, cinema e televisão.

De modo geral, os meios de comunicação assumiram a tarefa de adequar o público ao status quo social e político defendido pelos militares. Gramsci registra o fato novo de que a esfera ideológica, nas sociedades capitalistas avançadas, mais complexas, ganhou uma autonomia material (e não só funcional) em relação ao Estado em sentido restrito. Em outras palavras: a necessidade de conquistar o consenso ativo e organizado como base para a dominação – uma necessidade gerada pela ampliação da socialização da política – criou e/ou renovou determinadas objetivações ou instruções sociais, que passaram a funcionar com portadores materiais específicos (com estrutura e legalidade próprias) das relações sociais de hegemonia. E é essa independência material – ao mesmo tempo base e resultado da autonomia relativa assumida agora pela figura social da hegemonia – que funda ontologicamente a sociedade civil como uma esfera própria,



dotada de legalidade própria, e que funciona como mediação necessária entre a estrutura econômica e o Estado-coerção.

Manchete foi um importante periódico de intensa circulação e visibilidade que circulou no país entre os anos de 1952 e 2000 pela Bloch Editores. Todos os trabalhos acadêmicos desenvolvidos até a presente data, sobre esta revista, tratam de temas como linguística, fotografia, arte e sociologia política. Quais as motivações para que um veículo desse porte não tenha merecido um interesse na academia por parte dos historiadores, é uma pergunta que traz uma reflexão. Manchete fazia parte da Bloch Editores, que possuía vários títulos, e emissoras de rádio e televisão. Após a morte de seu fundador, Adolpho Bloch, em 1995, a empresa entrou em decadência, até ser decretada a falência de um dos maiores conglomerados de mídia da América Latina. A revista foi arrematada em leilão em 2000 pelo empresário Marcos Dvoskin que resolveu relançá-la em 2002 com edições especiais sem periodicidade fixa, como os números que enfocavam o Carnaval.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa, ditadura, discurso



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÓSTEGUI, Julio. A pesquisa histórica: teoria e método. Bauru, SP: Edusc, 2006.

AQUINO, Maria Aparecida. Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: Edusc, 1999.

ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

ALVES, Ronaldo Sávio Paes. Legitimação, publicidade e dominação ideológica no governo Médici (1969-1974): a participação da iniciativa privada no esforço de legitimação. Estudo de inserções publicitárias na mídia impressa. Dissertação de estrado em História. Universidade Federal Fluminense, 2000.

COUTINHO, Carlos Nelson. GRAMSCI: Um estudo sobre seu pensamento político. Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. Pg. 129

DREIFUSS, René Armand. 1964, A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1987. GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. 9. Ed.